

A CRIAÇÃO COMPARTILHADA DO FUTURO MUSEU MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA DE PELOTAS: apontamentos preliminares.

(Congreso Extensión y Sociedad 2013, eje 11: "Patrimonio: Co-construcción y gestión desde una perspectiva integral").

Autores:

SANCHES, Pedro Luís M. Docente do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas (DMCOR-UFPel); Presidente da Comissão para a Implantação do Museu de Arqueologia e Antropologia de Pelotas.

AMARAL, Francine C. Acadêmica do Curso de Antropologia: habilitação em Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas; bolsista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (programa PROBEC).

OLIVEIRA, Helcio. Acadêmico do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas; bolsista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (programa PROBEC).

Palavras-chave: Musealização da Arqueologia; Cidade de Pelotas (RS, Brasil); Gestão do Patrimônio Arqueológico.

Resumo:

O projeto de implantação de um museu arqueológico em Pelotas existe formalmente desde dezembro de 2008. Com a colaboração de todos os arqueólogos da Universidade Federal de Pelotas, de seus técnicos na área e alunos, o projeto visa planejar ações e espaços, gestão de acervos, e relações com outros museus e instituições de memória.

Pensado como lugar de encontro entre os diversos grupos sociais, sensível a reivindicações e conflitos, o Museu tem como desafio constante a multiplicação de olhares sobre o passado, mediada por uma diversidade de registros arqueológicos, dentre os quais, o próprio sítio que abrigará o museu.

Os primeiros anos de trabalho foram dedicados à orientação dos projetos de obras emergenciais e de restauro, à pesquisa acadêmica e ao levantamento de materiais e temas de interesse.

Restará aos próximos anos, aproximar o Museu de seus objetivos, promovendo ações antes mesmo de abrir as portas, e ainda propor alternativas para a gestão do patrimônio arqueológico local.

Para tanto, o futuro Museu de Arqueologia e Antropologia de Pelotas conta com a colaboração de professores, técnicos e estudantes da UFPel dedicados às áreas de Museologia, Conservação e Restauro, Antropologia, Arqueologia e História.

Circunstâncias de proposição:

Mais de um século depois do dinamarquês Peter Lund, preocupado com cronologias pré-diluvianas, decifrar restos humanos de cerca de 30 indivíduos de duas “raças” diferentes em Minas Gerais (NEVES; ATUI 2004), as orientações ideológicas de Arqueólogos e Museólogos brasileiros e, conseqüentemente, os usos políticos e sociais (MENESES 1996) dos museus que abrigam coleções arqueológicas mudaram muito. Persistem, entretanto, evidentes resquícios de uma valoração elitista inclinada à construção de uma identidade comum e, portanto, avessa ao pluralismo étnico e cultural (BOTTALLO 1995).

A arqueologia que se faz no Brasil, historicamente avessa ao interesse público por suas ações e, neste sentido, elitista, tem passado nos últimos 20 anos por uma mudança de intensidade inegável e se faz necessário concordar com Pedro Paulo Abreu Funari (2007), quando afirma que: “Talvez o mais importante ganho da Arqueologia, nos últimos anos, tenha sido o seu engajamento com o público”.

A mudança do quadro de acelerada destruição dos testemunhos arqueológicos e etnológicos (FRONER 1995) e também do patrimônio edificado (SCHLEE 2008) está entre os objetivos do futuro Museu Arqueológico e Antropológico e necessitará do apoio de discentes já iniciados na gestão de informações e documentação museológica, bem como de um grande escopo de atores sociais dotados de múltiplos saberes e vivências (vide abaixo, o Público-Alvo).

Caracterização da proposta:

O que existe é um projeto de museu que se propõe a engajar nas suas atividades membros da sociedade em colaboração com um contingente de estudantes, servidores e professores da UFPel.

Tal envolvimento dependerá da divulgação do novo espaço destinado à preservação da memória local junto à comunidade por diversos meios que incluem palestras, visitas a unidades escolares, centros comunitários e demais organizações sociais, preparação de 'folders' e cartilhas e a publicação do Plano Diretor do Museu de Arqueologia e Antropologia de Pelotas.

A apropriação de informações, artefatos e sítios arqueológicos por diversos públicos e com diversos interesses é fundamental para que se possa tratar certas questões importantes: por que a maioria esmagadora dos públicos possíveis de um museu não tem qualquer interesse em visitar um museu? E ainda, porque o entendimento de que os museus são “depósitos de velharias” (RAFFAINI 1993) é tão recorrente e tem merecido cotidianamente as mais diversas dissuasões por parte dos profissionais de museu?

Apresentar soluções práticas, interdisciplinares, inclusivas e inovadoras para tais questionamentos constitui um dos principais objetivos deste programa e da própria instituição museal hora planejada, tendo em vista que:

"Desde el pensamiento de la nueva museología se han producido importantes aportes con el objetivo de redefinir los conceptos tradicionales e incorporar nuevos elementos valorativos en el marco de un pensamiento que se reconoce, no como um estanco definido del conocimiento desde donde es posible hacer ciencia objetiva positivista, sino como um espacio transdisciplinario en el cual convergen teoría y práctica de varias áreas del conocimiento;" (LINAREZ PÉREZ 2008).

O museu de Arqueologia e Antropologia de Pelotas, criado e gerido pela Universidade Federal de Pelotas, tem o declarado objetivo de ser plural. Sua implantação prevê espaços expositivos de longa e curta duração, um setor educativo, e ao menos um laboratório de conservação e restauro, além de espaços de acolhimento, convivência e pesquisa.

A caracterização definitiva do novo museu dependerá do processo de elaboração e da própria fruição de perspectivas, ou o fomento de pontos de vista diversos, num percurso retroativo aberto às múltiplas interpretações por parte do visitante. No percurso expositivo estarão definidos apenas os pontos de partida e de chegada: começando pelo mais evidente de todos os vestígios expostos (o prédio que o abrigará), e terminando pelos mais antigos (zoólitos e outros vestígios pré-históricos hora salvaguardados na Universidade Federal de Pelotas).

O museu servirá ainda de aglutinador de interesses diversos de diferentes áreas de conhecimento presentes na universidade, mas especialmente de grupos sociais diversos, por isso, parte do espaço físico se destinará às exposições itinerantes ou de curta duração, e a outras atividades.

A futura instituição será um museu universitário e, como tal, atenderá atividades de ensino, tais como as disciplinas de graduação 'Arqueologia e Acervos Museais' (Bacharelado em Museologia), 'Musealização da Arqueologia' (Bacharelado em Antropologia e Arqueologia), e 'Peritagem de Obras de Arte' (Bacharelado em Conservação e Restauro), fornecendo a elas condições necessárias ao desenvolvimento de aulas práticas e prático-teóricas. Outro objetivo, que a este se vincula, é a oferta de disciplinas integradas para alunos de Antropologia e Arqueologia, Museologia, Conservação e Restauro, e também História, Geografia, Biologia, Geologia e outras áreas afins, em regime eletivo, permitindo uma maior integração entre as áreas voltadas aos patrimônios cultural e natural, além de um prematuro contato com a diversidade de especialidades profissionais presentes em um museu.

Público-Alvo:

Na comunidade acadêmica universitária, contaremos com a participação de estudantes matriculados nas disciplinas diretamente vinculadas ao estudo e à preservação do patrimônio, seus professores e técnicos envolvidos.

De outras universidades da região e países vizinhos (instituições públicas e privadas), virão também partícipes e proponentes de ações conjuntas e parcerias. Docentes e discentes destas instituições poderão atuar como voluntários no museu e integrar sua equipe permanente.

Professores da rede estadual de ensino, gestores das escolas públicas estaduais, seus alunos e funcionários, serão também integrados ao conselho gestor, e outros membros da comunidade, tais como estudantes dos níveis fundamental e médio, professores da rede municipal de ensino e funcionários das prefeituras da região, serão consultados no planejamento de ações educativas. Também os aposentados, trabalhadores de várias áreas, interessados em geral, e portadores de necessidades especiais são público-alvo dessas consultas.

Movimentos sociais, organizações não governamentais, organizações sindicais e grupos comunitários, integrarão as ações do museu e serão convidados, sempre que possível e necessário, para compor comissões e grupos de trabalho.

A instituição também se destina a outros públicos: turistas ou visitantes esporádicos oriundos da região e de outras regiões, inclusive estrangeiros vindos, sobretudo, dos países latinos e do Mercosul.

Plano diretor e diagnósticos interno e externo:

A elaboração de um plano diretor museológico possibilita a clara apresentação do Museu em implantação à comunidade, às instituições parceiras e aos gestores públicos. Parte importante de um plano desta ordem é a etapa de diagnósticos interno e externo:

"O diagnóstico da situação incluirá aspectos tanto internos como externos ao museu. Será necessário iniciar o diagnóstico interno procurando identificar quais parecem ser os problemas básicos que o museu enfrenta. O maior número possível de pessoas deverá estar envolvido nesta discussão inicial" (DAVES 2001, p.34).

Tal diagnóstico está inserido na primeira etapa do plano museológico para o Museu de Antropologia e Arqueologia de Pelotas RS, e compreende: diagnósticos interno e externo que são destinados a verificar o potencial arqueológico da região onde será instalado o museu, o interesse social da implantação da instituição e também seu impacto acadêmico, uma vez que se trata de um Museu Universitário.

Diagnosticar é reunir o maior número de informações sobre a presença e o potencial da arqueologia da região. Se, segundo Stuart Davies, "O plano diretor é uma maneira conveniente de resumir os resultados dessa reflexão e de apresentar uma declaração ao mundo exterior a respeito do propósito e dos objetivos do museu" (DAVIES, 2001, p. 18), cabe aos diagnósticos o papel de trazer para dentro do projeto institucional os múltiplos pontos de vista e as condições materiais e políticas em que o futuro museu se anuncia.

No diagnóstico interno estão previstos os levantamentos dos sítios arqueológicos situados dentro de propriedades da UFPel, e dos acervos arqueológicos salvaguardados pelo Instituto de Ciências Humanas da UFPel, nos dois laboratórios arqueológicos do Instituto, a saber, o LÂMINA¹ e o LEPAARQ². O processo de diagnósticos interno acontece por meio de visitas aos laboratórios LÂMINA E LEPAARQ, onde é realizado o levantamento das peças dos acervos arqueológicos e suas respectivas documentações. Esta atividade se dá por meio de registros fotográficos e anotações em diário de campo. Os referenciais teóricos para a execução do trabalho incluem artigos publicados, assim como guias e manuais (a exemplo, DAVIES 2001; RESOURCE 2004; e o Estatuto dos Museus 2009). Os

¹ LÂMINA: Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica.

² LEPAARQ: Laboratório de Ensino e Pesquisas em Antropologia e Arqueologia.

dados adquiridos nesta etapa vão compor o plano museológico que está em execução

No diagnóstico externo, estão incluídos os levantamentos dos sítios e dos acervos arqueológicos da região de Pelotas. Abrangendo as cidades de Arroio do Padre, Arroio Grande, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Cerrito Alegre, Herval, Jaguarão, Morro Redondo, Pinheiro Machado, Piratini, Pedro Osório, São Lourenço do Sul e Turuçu.

No trabalho os levantamentos, por razões de organização, foram divididos em dois grupos: bens móveis - peças arqueológicas - e bens imóveis que são os casarões tombados adquiridos pela universidade Federal de Pelotas que fazem parte do acervo de bens patrimoniais históricos nacionais.

Ainda neste processo de elaboração de diagnósticos estão inseridas as entrevistas realizadas junto a professores e alunos das escolas públicas e privadas, coletivos culturais e associações de interesse social (diagnóstico externo), e também junto à comunidade acadêmica da própria UFPel (diagnóstico interno). O método utilizado para aplicar as entrevistas é aleatório, por sorteio convencional de dois indivíduos por item citado acima. O armazenamento das informações das entrevistas é feito com gravadores de áudio e diário de campo (caderno de anotações). Concluindo com os diagnósticos, externo e interno a primeira etapa do plano diretor.

Os diagnósticos também possibilitam apontar problemas recorrentes relativos à preservação de acervos e da documentação arqueológica primária (os cadernos de campo, desenhos de planta, de estruturas e perfis estratigráficos, fotografias, tabelas hipsométricas e demais registros que devem acompanhar a geração de acervos em trabalhos de campo).

Se por um lado, “a falta de planejamento para aquisição e descarte de acervo coloca os museus diante de reservas abarrotadas de itens que ali ficam sepultados, sem mover a energia mínima de ir e vir nos espaços” (TOSTES 2005, p. 76), por outro lado, a necessária documentação que permite compreender os itens que jazem nas reservas técnicas, muitas vezes foi extraviada ou, simplesmente, não veio a ser gerada.

Embora seja amplamente aceito que os acervos arqueológicos devam ser sempre acompanhados de sua respectiva documentação primária, em diagnóstico das condições de preservação da documentação arqueológica em museus arqueológicos brasileiros, Catarina da Silva e Francisca Lima puderam verificar recentemente que

“(...) a documentação primária produzida nem sempre se encontrava com as coleções arqueológicas e que, tampouco, havia indicações sobre o local onde estava arquivada. Nem sempre os responsáveis pelas reservas técnicas eram capazes de informar sobre o destino da documentação e seu local de guarda” (SILVA; LIMA 2007, p. 284-285)

Contribuir para a qualificação da gestão dos acervos arqueológicos, para a preservação da documentação a ela inerente, na universidade e na região de atuação do futuro museu está entre suas metas que encontram nos diagnósticos em andamento sua primeira ferramenta.

Considerações Finais:

Mais que adaptar um velho edifício à nova função de museu, temos o objetivo de expor o local como vestígio material que é (BAHN; RENFREW 1993; BRUNO 1995; SHANKS; TILLEY 1997), como testemunho daqueles anônimos que o construíram e que o ornaram.

Parte significativa do acervo será constituída de objetos encontrados nas escavações promovidas na região, inclusive nas imediações da sede do museu, posto que revelam o cotidiano dos habitantes, senhores e subalternos, em diferentes épocas.

O edifício sede do futuro museu permite refletir sobre as relações sociais e as trocas culturais expressas em sua construção, nas reformas pelas quais passou, nos objetos que ali se preservaram arqueologicamente (MENESES 1996; FUNARI 2007).

O Museu Arqueológico e Antropológico pretende partir de tais testemunhos para se tornar um local de trabalho e estudo onde profissionais de diversas áreas estejam em contato constante com o público e onde o público veja a arqueologia e a antropologia em processo (SWAIN 2007), fazendo parte dela em ações integradas de extensão, ensino e pesquisa.

Referências:

BAHN, P.; RENFREW, C. Arqueología, Teorías, Métodos y Práticas (trad.: M. Mosquera Rial). Madrid: Akal, 1993 (original publicado em 1991).

BOTTALLO, Marilúcia. Os museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão. Revista do

Museu de Arqueologia e Etnologia n. 5, 1995: p. 283 a 287.

BRUNO, Maria Cristina O. Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. São Paulo: FFLCH - USP, 1995.

DAVIES, Stuart. Plano Diretor (tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes). In: Roteiros Práticos (Série Museologia, 01). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001).

FUNARI, P. Arqueologia e Patrimônio. Erechim: Habilis, 2007.

FRONER, Yacy-Ara, Conservação Preventiva e Patrimônio Arqueológico e etnográfico: ética, conceitos e critérios. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 5, São Paulo: MAE-USP, 1995: p. 291 a 301.

LINAREZ PÉREZ, J. C. El museo, la museología y la fuente de información museística. *Acimed* 17 (4), 2008. Disponible en: <http://eprints.rclis.org/12784/1/aci05408.pdf> Consultado en: 10/9/2013.

MENESES, Ulpiano B., Os “Usos Culturais” da Cultura – Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais, in CARLOS; CRUZ & YÁZIGI (orgs.) Turismo – espaço paisagem e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1996: p. 88-99.

NEVES, W.; ATUI, J. O Mito da homogeneidade biológica na população paleoíndia de Lagoa Santa: implicações antropológicas. *Revista de Antropologia* volume 47, no. 1. São Paulo: USP, 2004, p. 159-206.

RAFFAINI, Patricia T. Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* n. 3, 1993: p. 159 a 164.

SCHLEE, Andrey R. Pela Memória de Pelotas. Como sempre! In: Atas do Primeiro Colóquio sobre História e Historiografia da Arquitetura Brasileira. Brasília: UnB, 2008.

SHANKS, M; TILLEY, C. Theory and Method in Archaeology. In: *Social Theory and Archaeology*. Oxford: Polity Press, 1987, pp. 1-28.

SILVA, C. E. F. da; LIMA, F. H. B. A preservação dos registros documentais de arqueologia. *Revista do Patrimônio* 33, p. 275-288. Rio de Janeiro: Iphan, 2007.

SWAIN, Hedley. *An Introduction to Museum Archaeology*, Cambridge University Press, 2007.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. O problema das reservas técnicas: como enfrentar o apego devorador? *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 31, p. 74-80, Brasília, DF: MINC/IPHAN, 2005.